

**- SESSÃO VIII -  
DESCRIÇÃO DE USO**



## A MODALIZAÇÃO EPISTÊMICA NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDO: O CASO DO "EU ACHO (QUE)"

Judith C. HOFFNAGEL - (UFPE)

*Abstract: Using a corpus consisting of four types of oral discourse, this paper looks at the role of epistemic modality as defined by Lyons (1977) and Coates (1987), in the construction of meaning by examining the most frequent epistemic verb form, I think. This form was found to express not only doubt as to the veracity of the proposition it modalizes, but also to hedge meaning in order to promote more cooperative interaction through face saving activities.*

### 0. Introdução

O estudo sobre a modalização epistêmica vem sendo desenvolvido no projeto, "A Modalização Epistêmica: usos e características na fala e na escrita", financiado pelo CNPq. O projeto como tal trata da questão no contínuo lingüístico realizado no contexto dos gêneros textuais. Neste trabalho vamos analisar de modo mais específico a fala, já que o aspecto aqui visto, embora ocorra na escrita, é muito mais comum na fala. Partimos da premissa de que este tipo de modalização tem um papel relevante na mediação da significação construída na relação interpessoal e buscamos identificar tanto as formas lingüísticas que contribuem para tal, como as estratégias desenvolvidas nessa atividade. Em um levantamento preliminar das formas lingüísticas envolvidas na modalização epistêmica, foi constatado que,

na fala, os itens lexicais verbais do tipo *acreditar*, *achar*, *imaginar*, *saber* são os modalizadores epistêmicos mais freqüentes e que o *achar* é responsável por mais de 50% das ocorrências. Devido a este alto índice de ocorrência, nesta comunicação, faremos uma investigação mais detalhada do uso deste modalizador na fala. Primeiro, verificamos as formas e posições na cadeia sintagmática para, em seguida, verificar seu emprego na construção de significação interpessoal.

#### 1. Conceituação de modalização epistêmica

A rigor, quando comunicamos a alguém algo, nosso ato de fala é sempre qualificado. Não apenas uma informação é repassada, mas uma informação qualificada por algum tipo de marca lingüisticamente realizada. A modalização epistêmica se refere ao modo de uso da língua pelo qual se expressa uma avaliação sobre o valor de verdade e as condições de verdade da proposição. De acordo com Lyons (1977), trata-se de "questões de conhecimento e crença" ou "opinião em vez de fatos" . São considerados modalizadores epistêmicos aqueles elementos lingüísticos ligados à produção do enunciado e que funcionam como indicadores das atitudes do locutor com relação ao seu discurso (Koch 1987:138).

Há vários recursos lingüísticos disponíveis ao falante para veicular sua avaliação sobre as significações contidas no núcleo proposicional. A escolha de um ou outro recurso pode mostrar maior ou menor adesão do falante em relação a P. Aí, por exemplo, está a diferença de sentido entre "Eu

sei (é certo) que João veio" e "Eu acho (é possível) que João veio". No primeiro, pode-se dizer que o falante apresenta o conteúdo de P como um conhecimento, ou seja, sabe que João veio. No segundo, o falante apresenta o conteúdo de P como uma crença, isto é, ele acredita que João veio, mas não pode comprometer-se com a veracidade de P. Segundo Castilho e Castilho (1992:218-219), no primeiro caso estamos diante de uma necessidade epistêmica cujo efeito de sentido é "uma ênfase do conteúdo proposicional, revelando um alto grau de adesão do falante em relação a P", enquanto no segundo, estamos diante de uma possibilidade epistêmica cujo efeito de sentido é de uma "atenuação do conteúdo de P, pois há um baixo grau de adesão do falante em relação a P".

O *corpus* utilizado para este estudo consiste em 31 interações orais, totalizando 155.955 palavras de texto corrido, incluindo conversas espontâneas, entrevistas, aulas e palestras.

## 2. As formas e posições do modalizador *eu acho (que)*

Os exemplos, a seguir (1-8), mostram as várias formas e posições sintáticas do modalizador encontradas no *corpus* aqui analisado.

- (1) *eu acho que* é uma injustiça comparar o Brasil com a Colômbia
- (2) *acho que* a comunicação a dois é sempre a comunicação mais importante
- (3) ela tem *acho que* idade de ser minha mãe

- (4) uma uma atitude *eu acho* lógica né?
- (5) é a melhor *eu acho*
- (6) eu até que compro bastante coisa *eu acho*
- (7) ah também *acho*
- (8) *eu acho* bom

Os modalizadores epistêmicos verbais se apresentam do ponto de vista sintático sob forma oracional. A forma mais comum é (*eu*) *acho que* + *P*, exemplificado em (1) e (2). Koch (1987:139) nota que pela "análise sintática tradicional, as primeiras orações são considerados como principais em relação às segundas, classificadas como subordinadas (substantivas)." É importante, como frisa a autora, notar que o conteúdo proposicional propriamente dito encontra-se na segunda oração, a primeira servindo apenas para modalizá-lo, ou seja, refere-se à postura do falante em relação ao 'dito'. O fato de que *eu acho* poder ocorrer como uma oração justaposta em (1) e (2), intercalada em (3) e (4), ou posposta em (5) e (6), prova que não faz parte do conteúdo proposicional. E é por não contribuir para o conteúdo proposicional, que expressões verbais deste tipo são rotulados como parentéticos (Coates 1987; Castilho e Castilho 1992). Por exemplo, podemos eliminar a primeira oração em (1) sem alterar o conteúdo proposicional de *é uma injustiça comparar o Brasil com a Colômbia*. Nos exemplos (7) e (8), o conteúdo proposicional a que cada um refere não é explicitado no enunciado, pois em ambos os casos as proposições foram feitas por outros falantes envolvidos na interação. Em (7), o falante concorda com a proposição feita por seu interlocutor, *você é um inútil*

enquanto em (8) o falante expressa uma opinião contrária à proposição *o Roberto Carlos é ruim*, dito por seu parceiro na conversa.

### 3. Funções do modalizador *eu acho que*

*Eu acho que*, como outros modalizadores epistêmicos, como já notamos, tem a função geral de informar a atitude assumida pelo falante perante o que vai dizer ou o que foi dito. A atitude ou posição epistêmica expressa por *eu acho que* é a de dúvida ou incerteza com respeito à veracidade da proposição que modaliza. É classificado por Castilho e Castilho (1992:222) entre os quase-asseverativos que "indicam que o falante considera o conteúdo de P, quase certo, próximo à verdade, como uma hipótese que depende de confirmação...". Os exemplos 9 a 11 mostram claramente a incerteza dos falantes:

(9) *acho que* eu compro muito mais roupa  
que você por exemplo...

(10) mas ainda tem um número... de *acho que* uns  
trinta umas trinta pessoas mais ou menos...  
que entraram com um novo mandado de  
segurança

(11) *eu acho que* foi:... sei lá  
porque foi diferente de todos...

Em (9) a falante, numa discussão sobre hábitos de fazer compras, levanta a hipótese de que ela compra mais roupas do que seu interlocutor. É provável que ela não saiba quanto roupa o outro compra e baseia sua hipótese no estereótipo popular de que mulheres comprem mais em geral, e especialmente roupa. A dúvida expressa em (10) é do número certo de pessoas que entraram com um mandado de segurança, enquanto, em (11), a entrevistada mostra dificuldade em expressar exatamente a razão porque escolheu casar com seu marido.

É interessante notar que, quando *eu acho que* mostra mais claramente dúvida ou incerteza, é freqüentemente acompanhado por indicadores de hesitação, tanto os não-lexicalizados tais como pausas, alongamentos, quanto os lexicalizados em expressões como *sei lá* ou *mais ou menos*.

No *corpus*, é freqüente o uso do próprio *eu acho que* para preencher uma pausa enquanto o falante planeja seu discurso. Nestes casos, ilustrados nos exemplos (12) e (13), não me parece tanto uma questão de expressar dúvida sobre uma proposição a ser dita, mas uma de expressar incerteza do que vai

(12) ah:: quer dizer *eu acho que*:::... geralmente antes do filme o pessoal fica

(13) *eu eu acho eu acho* por exemplo  
eu não consigo/ pra mim uma pessoa é é: toda uma  
integração sabe

Embora a literatura classifique o modalizador *eu acho que* entre aqueles que mostram dúvida, incerteza ou baixa adesão à proposição modalizada, há usos que não demonstram nenhuma dúvida ou incerteza. Na língua inglesa, Coates (1986:116) nota que nem sempre o modalizador epistêmico, *I think (eu acho)*, expressa incerteza, e que também “pode ser usado para expressar confiança em vez de dúvida na proposição” que modaliza. Os exemplos 14-16 mostram o uso de *eu acho que* para expressar adesão à proposição.

(14) L1: você: acha ruim isso?  
L2: *acho* horrível porque eu tinha uma  
liberdade

(15) L1: mas : quero ver você fazer eles deixar de  
gostar de roberto carlos...  
e o roberto carlos é RUIM... é RUIM  
L2: não não é ruim não  
[*eu acho bom*

(16) M36: prá ser um presidente num dá  
M37: *eu também acho*

Em (14) L2 responde a uma pergunta e não parece ter dúvida nenhuma sobre o que pensa da proposição de L1, *isso é ruim*. O fato de que ela justifica sua afirmação logo em seguida contribui para essa impressão. É também possível que a pergunta na forma *você acha* tenha influenciado a escolha da mesma forma na resposta. O

falante L2 em (15) também reforça a ideia de certeza ao contradizer seu interlocutor. Ele primeiro nega enfaticamente que Roberto Carlos é ruim para depois dizer que é bom. O exemplo (16) mostra um uso comum do modalizador *eu acho*. Aqui M37 mostra sua concordância com a proposição do seu interlocutor, uma maneira de dizer *você está certa*. Em nenhum destes casos, passa-se a ideia de dúvida ou incerteza ou baixa adesão ao dito.

#### 4. *Eu acho que* na significação pessoal.

Até aqui enfocamos a modalização na maneira em que a forma *eu acho que* é usada na fala para explicitar atitudes em relação às proposições. Mas, em conversações, os falantes comunicam algo mais do que simplesmente suas atitudes em relação às proposições. Também comunicam suas atitudes em relação a seus interlocutores. Halliday (1973) chama isto a função *interpessoal* da linguagem. Coates (1987:121ff), sustenta que as formas modais epistêmicas são "um meio muito importante para expressar *addressee-oriented meaning*" (significação construída na relação interpessoal).

Segundo Brown e Levinson (1978), a sensibilidade dos falantes para a preservação das faces, ou a polidez, é um universal lingüístico. Destinatários têm ambas as necessidades: de preservar a face positiva (a necessidade de ser apreciado, admirado), e preservar a face negativa (a necessidade de não ser incomodado). De acordo com Coates (1987:121), as formas modais epistêmicas são freqüentemente usadas em inglês como estratégias de

polidez negativa (como maneiras de respeitar a necessidade do destinatário de não ser incomodado).

Vários autores afirmam que uma finalidade básica da conversação entre iguais, não é a troca de informação, mas a manutenção de boas relações sociais. O que é necessário é estar ciente do efeito que sua fala pode ter nos seus interlocutores. O exemplo (09) acima pode ser analisado deste ponto de vista. A falante não pode simplesmente afirmar o que o seu interlocutor faz ou não faz sem ameaçar sua face negativa. Ela coloca sua proposição na forma de uma hipótese dando ao seu interlocutor a oportunidade de corrigi-la sem que qualquer um se sinta ameaçado.

Coates sugere que muitas vezes os falantes marcam sua falta de adesão à verdade de suas proposições em parte como uma estratégia para facilitar uma discussão mais aberta. Nos casos em que a interação visa basicamente a manter relações sociais, a autora postula a existência de uma regra subjacente à conversação: "Não discorde abertamente dos demais participantes". Se essa regra de fato opera, então, diz Coates, "é importante que os falantes evitem fazer asseverações cabais: cada falante precisa deixar espaço para que a discussão possa continuar e para a modificação de pontos de vista" (1987:122).

A atenuação feita pelo falante L2 em (15) depois de ter negado enfaticamente a proposição do seu interlocutor pode ser vista à luz desta regra. Ao dizer *eu acho bom* ele dá a entender que é uma opinião e deixa aberta a possibilidade para mais discussão e até uma possível mudança de opinião.

Uma outra função interpessoal das formas modais epistêmicas, segundo Coates, é a de reduzir a força dos enunciados e assim proteger as faces de ambos, falante e destinatário, quando o *tópico* é sensível. Quando os tópicos enfocam assuntos polêmicos, ou quando os falantes estão envolvidos em auto-revelações, isto é, quando se tornam vulneráveis ao revelar seus sentimentos íntimos para outros, há uma tendência de usar mais modalizadores. No exemplo (17) três falantes (um universitário e duas universitárias) estão discutindo o que é ser machista ou feminista.

(17) H28 machista não é só entre homem e mulher não

M33 pronto... eu digo a você eu não me considero machista nem também feminista entendeu

*eu acho* assim...

tem coisas que *eu acho* por

exemplo...

se eu chegar num lugar...

*eu acho que* num cabe ( ) psiu

garçom

essas coisas...

*eu acho* isso horrível

[*eu acho* isso é de homem

M34 [*eu também acho*...

isso cabe mais ao homem...

eu não [tô sendo machista

M33 [tem coisas que *eu acho que* faz parte do homem...

Neste pequeno trecho da conversa, quase não há uma proposição não modalizada, numa aparente tentativa de reduzir a força dos enunciados. Vejamos como este trecho seria sem a modalização epistêmica. Tem outra força. Uma força que não convida a contra argumentar.

- (17a) H28 machista não é só entre homem e  
mulher não
- M33 pronto... eu digo a você eu não [sou]  
machista nem também feminista
- [é] assim...  
tem coisas por exemplo...  
se eu chegar num lugar...  
num cabe ( ) psiu garçom  
essas coisas...  
isso [é] horrível  
[isso é de homem
- M34 [[é]...  
isso cabe mais ao homem...  
eu não [tô sendo machista
- M33 [tem coisas que faz parte do  
homem...

Uma situação delicada é retratada no exemplo (18). Quase no fim de uma gravação para o Projeto NURC-Recife, os dois informantes começam a questionar a validade da entrevista. Nota-se a quantidade de modalizadores usados, além do *eu acho que*. Na medida em que os dois informantes questionam a validade da gravação, estão ameaçando a face negativa do documentador. Ao

mesmo tempo, estão tentando preservar suas próprias faces positivas, ao sugerir que os resultados teriam sido melhores se tivessem gravado pessoas mais acostumadas a este tipo de atividade. É dizer não é culpa deles se a gravação não deu resultados desejados. Além dos modalizadores *eu acho que, realmente, eu tenho a impressão*, os falantes também se utilizam de hesitações, pausas e risos para atenuar suas críticas à gravação.

- (18) L2: agora voltando a essa entrevista...  
*eu acho* a entrevista um pouco artificial  
porque não leva em consideração o  
medo *acho que* as pessoas têm de  
máquina  
/.../  
L1: *é eu acho que* fica  
eu fico dizendo então então então  
artificial  
porque... fica *realmente* uma coisa  
L2: *principalmente* quem não tem hábito de  
dar entrevistas  
L1: agora *eu tenho impressão...* ((rindo))  
que as pessoas que são: *digamos*  
*assim* mais qualificados para: esse  
tipo de entrevista

## 5. Conclusão

O uso da modalização epistêmica em interações orais, neste trabalho representado pela forma mais usada, *eu*

*acho que*, favorece a construção de sentido uma vez que é um recurso que deixa transparecer ao ouvinte as atitudes, crenças, hipóteses, certezas, incertezas e os domínios de conhecimento do falante. Oferece, por assim dizer, as dicas necessárias para que o ouvinte possa se posicionar frente ao dito e responder e/ou interagir apropriadamente.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROWN, P. e Levinson, S. ([1978]1987) *Politeness: Some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CASTILHO, A.T. de e E.M.M. de CASTILHO (1992) *Advérbios modalizadores*. In R. Ilari, (org.) *Gramática do Português Falado*. Vol. II:213-260  
Campinas: Editora da UNICAMP.
- COATES, J. (198) *Epistemic Modality and Spoken Discourse*. *Transactions of the Philological Society*, 110-131.
- HALLIDAY, M.A.K. (1973) *Explorations in the Functions of Language*. London: Edward Arnold.
- KOCH, I.G.V. (1987) *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez.
- LYONS, J. (1977) *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.